Os poemas dispersos de José Régio

Depois de *Cântico Suspenso*, de 1968, oitavo e último livro na série da obra poética do José Régio, o seu grande amigo e colaborador, Alberto de Serpa, organizou a edição de mais três recolhas de poemas nunca reunidos antes em livro: *Música Ligeira* (1970) — último caderno de versos a que Régio estava a dedicar o seu trabalho antes do ataque cardíaco que o deveria vitimar — *Colheita da Tarde* e *16 Poemas dos não incluídos em Colheita da Tarde*, ambos de 1971, livros que dão realização a um projecto anunciado pelo escritor vilacondense já em 1950, na «Notícia desta edição» que acompanhava a terceira edição dos *Poemas de Deus e do Diabo* (com que se inaugurava a colecção da *Obra Poética de José Régio*)[1], ou seja, a publicação de um volume de inéditos e dispersos para o qual o próprio autor já indicara o título que Serpa adoptaria na edição póstuma. Tal projecto, contudo, foi sempre adiado e preterido em favor de outras oportunidades de trabalho, a pesar dos repetidos esforços e exortações do amigo Serpa, descritos por este nas notas que acompanham os poemas publicados em 1971.

O trabalho de recolha do material já na posse de Alberto de Serpa e a pesquisa das publicações distribuídas por Régio em revistas e jornais pelos quatro cantos do país, durante cinquenta e três anos de actividade poética, juntou um total de cento e setenta e oito peças, das quais cento e quarenta dispersas não recolhidas em livro e trinta e oito que o organizador dos volumes póstumos considerou inéditas. A selecção operada por Serpa com vistas a oferecer o volume de inéditos e dispersos que o próprio José Régio teria organizado se a vida lho tivesse permitido, ou, pelo menos, com o objectivo de apresentar um volume digno do nome do poeta, levou a excluir cento e doze poemas, segundo as contas do próprio Serpa, patentes numas folhas que o autor de *Fonte* utilizou para elencar o material poético aproveitável para *Colheita da Tarde*[2]; número que ficou reduzido a noventa e seis (87 dispersos e 9 inéditos) depois da publicação dos *16 Poemas*, livrinho de tiragem limitada que constitui uma espécie de apêndice ao anterior volume, destinado a «familiares, amigos íntimos, camaradas e admiradores provados do Poeta»[3].

Como é óbvio, quando nos pusemos o objectivo de identificar (e juntar) os poemas que José Régio publicou em revistas, jornais e publicações de qualquer tipo, sem nunca os recolher em livro, as listas de Alberto de Serpa foram o ponto de partida das nossas investigações, que conseguiram aumentar os números fornecidos pelo organizador de *Colheita da Tarde* para um total de cento e nove poemas dispersos, de entre os quais só quatro foram publicados depois de 1971. A intenção deste trabalho não era a de "completar" a obra de recolha de Alberto de Serpa, ampliando a sua selecção de poemas dignos de José Régio: pelo contrário, a ideia era juntar e tornar mais conhecidos (possivelmente, através de uma edição a realizar-se) os poemas que, por várias razões, o autor não considerou oportuno integrar nos seus volumes de poesia mas que, contudo, não foram condenados, tendo sido postos ao alcance de um público mais ou menos amplo e variado. Deixamos fora deste conjunto os poemas dispersos já publicados em *Colheita da Tarde* e nos *16 Poemas* porque, a pesar de não terem sido reunidos em livro pelo próprio autor, fazem hoje parte do corpus da obra poética de José Régio e, como tais, são conhecidos pelo público de estudiosos e admiradores.

---

[1] Cfr. p. 10.

[2] Pude consultar estas folhas em fotocópias que os familiares do José Régio forneceram a Isabel Cadete quem, além de ser um guia indispensável do meu trabalho, foi aliada na pesquisa das publicações dispersas do autor dos *Poemas de Deus e do Diabo*.

[3] Cfr. p. 8 da «Nota Proemial» daquele volume. Na verdade, aos noventa e seis poemas excluídos dos volumes póstumos deveriam ser acrescentados três títulos que aparecem nomeados na terceira página das anotações de Alberto de Serpa, mas que não foram incluídos na contagem final; a menção diz: «Na Escola Académica (Porto) Régio colaborou com três poemas manuscritos: *O Crepúsculo*, *O Zé*, e *A Alma*». De facto, uma vez identificada esta publicação na Biblioteca Municipal do Porto (cota IX-2-144) não pudemos encontrar nenhum dos poemas citados por Serpa: pode ser que a menção nas anotações fosse devida a uma informação que o próprio Serpa não foi capaz de confirmar nas suas pesquisas, e que seja esta a razão por que os poemas não se encontram na contagem final.

Ao analizar as razões da não inclusão de tantos poemas no cânone dos volumes poéticos de José Régio, é preciso prestar atenção à evolução da obra do multifacetado escritor de Vila do Conde. Ele manifesta, depois da publicação de *Mas Deus é Grande* — quinto volume de poesia em menos de vinte anos — um progressivo afastamento deste género literário; para melhor dizer, é mais urgente nele, a partir do fim dos anos quarenta, a necessidade de afirmar outras facetas da sua arte, nomeadamente o teatro e o romance; a escassa disposição para compôr versos (testemunhada, a partir daquele período, em vários trechos do seu diário íntimo[4]) devia-se também à orgulhosa intenção de demonstrar que ele era tão bom romancista e dramaturgo como poeta, ao contrário do que a crítica parecia sugerir. Se os manuscritos compilados até aos anos trinta contêm vários planos de publicação de livros de versos[5], ele escreve em 1950, na citada «Notícia desta edição» que introduz a colecção da *Obra Poética de José Régio*:

> Também a esta edição completa da minha poesia pertencerão quaisquer outros livros de versos que venha a produzir; posto muito me incline a crer que não venha a produzir mais nenhum: Suponho que bem escassamente me chegarão o entusiasmo e a vida — para realizar noutros géneros o que ainda, às vezes, me parece poder realizar.

É verdade que ele desmentiria estes propósitos ao publicar mais três livros de versos depois dessa data, mas a sua menor dedicação à poesia é um dado assumido. Ora, se José Régio tivesse ficado mais ligado à produção poética e, sobretudo, à publicação de volumes de poemas, é razoável pensar que teria deixado menos fragmentos inacabados e teria recolhido em livro um maior número de poemas publicados avulsamente em revistas e jornais. Basta observar o processo que levou à constituição do volume *A Chaga do Lado* (1954): explica o próprio autor que, andando «atormentado com a necessidade de fazer dinheiro», resolveu publicar rapidamente um novo livro de versos reunindo em volta de um núcleo de sete ou oito poemas escritos no espaço de poucos dias e originados por uma comum necessidade de desabafo, «alguns fragmentos deixados aí pelas gavetas, além dum longo poema já antigo — *Um Poeta ainda canta* — que se harmonizava com o actual estado de espírito, e outros que haviam sido publicados em revistas, três dos sonetos novos da 3ª edição da *Biografia*, etc.»[6].

Os cento e nove poemas dispersos podem ser divididos em grupos: o primeiro mostra as composições poéticas publicadas nos anos da adolescência (1916-1919), os primeiros passos do poeta que aparece utilizando pseudónimos tipicamente juvenis; o segundo grupo reúne os poemas publicados nos anos imediatamente seguintes (1919-1922) em que o autor passa a assinar-se com o seu nome anagráfico; o terceiro grupo, muito amplo do ponto de vista cronológico, inclui todos os poemas assinados José Régio e publicados avulsamente em jornais e revistas, de 1924 até ao ano da morte do poeta; finalmente, registam-se cinco poemas publicados depois de 1969 e três não datados, cuja atribuição é incerta.

A estreia literária do jovem estudante José Maria dos Reis Pereira deu-se a 11 de Junho de 1916 no semanário de Vila do Conde, *O Democrático*, que publicou, a pedido, o soneto «Amor». Era o início de uma colaboração que duraria um ano e meio e que contaria quarenta e oito poemas e dezanove textos em prosa[7]. Esse primeiro poema é assinado pelo pseudónimo "Venus"; a partir da

---

[4] Cfr. os trechos de 19-1-1948, 4-1-1949, 23-1-1951, 6-1-1958, 13-4-1959 in José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, respectivamente às pp. 105, 139, 178-179, 343, 360-361. Outra manifestação do ressentimento regiano perante a superior consideração de que gozavam os seus versos em relação aos seus romances, contos e novelas è presente na *Confissão dum Homem Religioso*, p. 184.

[5] Cfr., por exemplo, os dois cadernos que contêm o material destinado aos *Novos Poemas de Deus e do Diabo*.

[6] Cfr. José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 273-275, carta a Alberto de Serpa transcrita a 4-3-1954.

[7] Os textos publicados em *O Democrático* foram reunidos no volume José Régio, *Primeiros Versos, Primeiras Prosas*, organizado por Joaquim Pacheco Neves, edição integrada nas comemorações do 25° aniversário da morte do escritor, pela Câmara Municipal de Vila do Conde (1994); neste volume, os poemas apresentados são 49: de facto, contribui a formar esse número a publicação de 5-11-1916, simples emenda do texto do poema «A Profecia de Jesus», publicado de forma errada no número anterior de 29-10. A «Apresentação» do volume organizado por Joaquim Pacheco Neves

terceira colaboração poética, o nome muda para “Phebus”, que aparece em todos os restantes textos regianos publicados em *O Democrático*, inclusive naqueles em prosa. Já os pseudónimos revelam, a pesar do indiscutível talento mostrado pelo poeta adolescente, o escolasticismo dos poemas publicados nessas páginas. Os temas são bastante convencionais: encontramos motivos e personagens da iconografia religiosa; referências aos mitos e aos heróis da história nacional, junto à expressão do orgulho pelos soldados que partem para a primeira guerra mundial; quadros e personagens de uma vida humilde e provincial; invocações à mulher amada, que inspira o poeta; o inevitável tratamento do tema da saudade; os sofrimentos provocados por um amor infeliz; a natureza e os elementos (lua, noite, mar) como escenário romântico ou interlocutor imaginário; a descrição de paisagens e ambientes locais; a morte de pessoas queridas e também a imaginação da própria morte.

Uma faceta particular deste último tema é a insistida referência à morte precoce de crianças choradas pelas suas mães: o motivo aparece pela primeira vez nas colunas de *O Democrático* (nos poemas n° 7, 38, 46 e 48 da lista) e, além de caracterizar outros poemas dispersos (cfr. n° 72), figura em várias composições reunidas em livro pelo autor[8]. À frequência deste tema não devia ser alheia a morte prematura (aos três ou quatro anos) de uma irmã, que Régio não chegou a conhecer mas cuja ausência foi sempre lamentada no seio da família, sobretudo por parte da mãe[9].

A colaboração com *O Democrático* interrompeu-se em Janeiro de 1918, provavelmente devido à mudança de Régio para o Porto. Desde Setembro do ano anterior, o jovem estudante tinha começado a enviar uma série de sonetos para a revista mensal do Porto *O Record Charadístico*, «órgão dos charadistas portugueses e brasileiros». Como é assinalado pelo nome da revista, não se tratava de simples colaborações poéticas: os primeiros dois sonetos apareceram na secção das «Charadas em verso» enquanto os restantes dezoito — Régio colaborará até Dezembro de 1919 — figuraram entre os «Logogriphos». Estes últimos são particularmente interessantes: o jogo, como é sabido, baseia-se em adivinhar uma palavra cujas letras, variamente combinadas, formam outras palavras; nos logogrifos apresentados em *O Record Charadístico*, a indicação das letras parciais é dada por números que correspondem à posição de cada letra na palavra que é preciso descobrir, palavra que resume o conceito global do poema: ao lado de alguns dos versos do soneto aparece, de facto, uma séries numérica que corresponde a uma palavra cujo sinónimo é conteúdo no verso respectivo. Tomando como exemplo o disperso n° 54 da lista («No deserto da vida…»), encontramos no fim do segundo verso os números 4-5-2, que indicam uma palavra de três letras que conjecturamos ser “dor”, cujo sinónimo pode ser a palavra “sofrimento”, presente no verso; da mesma maneira, no oitavo verso, os números 4-5-1-3 sugerem uma palavra de quatro letras (de que já conhecemos as primeiras duas, iguais à palavra anterior) que poderia ser “doce”, sinónimo de “suave”, presente no verso; no nono verso observamos os números 1-3-2-1-3, que podemos imediatamente traduzir, continuando na hipótese formulada nos versos anteriores, na palavra “cerce”, sinónimo de “rente”, adjectivo conteúdo no verso; finalmente, no verso décimo terceiro, os números 5-4-5-2 dão a palavra “odor”, cujo sinónimo no verso é “perfume”; colocando as letras assim individuadas na ordem indicada pelos números temos a palavra “credo”, que resume o conceito global do soneto. É evidente que a construção de um logogrifo requer, além do normal talento para versificar, uma competência da enigmística, um especial domínio da linguagem e, sobretudo, uma riqueza lexical invulgar. O jovem Reis Pereira, que como charadista tomava o pseudónimo de “Jomar” (do seu nome Jo‌sé Mar‌ia), demonstrou todas estas qualidades, merecendo vários prémios nos concursos que a revista organizava todos os meses entre os colaboradores.

---

sugere que outro jornal de Vila do Conde, *A República*, a que Régio fornecerá posteriormente outros poemas, recusara o primeiro soneto do jovem escritor (cfr. p. 17).

[8] Cfr. «Enterro de Anjinho» e «Obsessão» (*Mas Deus é Grande*), «Epigrama elegíaco» e «O Menino sem Tempo» (*A Chaga do Lado*; o segundo, sendo um soneto, também em *Biografia*), «Epitáfio para uma Criança» e «Funeral» (*Filho do Homem*).

[9] Cfr. José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, Porto, Brasília, 1971; 2ª edição, 1983, p. 24.

Os temas desenvolvidos nos sonetos publicados em *O Record Charadístico* coincidem, na maioria dos casos, com aqueles já apontados falando dos poemas que figuram em *O Democrático*, com a excepção de um soneto escrito em honra de João de Deus e outros que evocam atmosferas misteriosas do antigo Egipto e episódios fantásticos ou ligados à mitologia clássica. É interessante observar que dois sonetos retomam o mesmo sujeito (e muitas palavras) de dois poemas já publicados na revista de Vila do Conde: é o caso da figura de Nun'Álvares Pereira (comum aos poemas n.^{os} 22 e 56 da lista dos dispersos, publicados a cerca de um ano e meio de distância) e do tema do canto poético como alívio aos sofrimentos, esboçado em *O Democrático* de 30-9-1917 e repetido no soneto publicado o dia seguinte na revista do Porto.

Uma menção especial merecem os poemas que José Régio dedicou ao tema do Natal, o primeiro dos quais figura em *O Record Charadístico* (n° 62). Poemas ligados ao Natal são muito frequentes na produção do autor publicada em livro: lembramos «Litania do Natal» (publicada no *Diário de Notícias* de 25-12-1959 e incluída em *Filho do Homem*), «Natal» e «Poemetos em prosa para um ano novo» (publicadas respectivamente a 25-12-1964 no *Diário de Notícias* e a 25-12-1946 em *A Rabeca*, depois reunidas por Serpa em *Colheita da Tarde*), «Toada do Natal», (*A República*, 25-12-1921) «Natal, 57» (*Diário de Notícias*, 25-12-1957), «Natal» (*Diário de Notícias*, 25-12-1958), «Melopeia de Dezembro» (*Diário de Notícias*, 25-12-1967), «Nasceu, nasceu um menino…» (não publicada por Régio), todas seleccionadas por Serpa para os *16 Poemas dos não incluídos em Colheita da Tarde*. Entre as outras publicações avulsas encontrámos, além do soneto presente na revista dos charadistas, «Baladilha do Natal» (n° 77), «De Joelhos ante o Presépio» (n° 80), «O Presépio desfeito» (n° 84), «Natal» (n° 90) e «Natal» (n° 99). José Régio publicou poemas especialmente concebidos em ocasião das festas de Natal dos anos seguintes: 1918, 1920, 1921, 1922, 1925, 1944, 1946, 1955, 1957, 1958, 1959, 1964 e 1967, além de um «Conto do Natal», que aparece em *A Rabeca* de 21-12-1960. Segundo nos informa Alberto de Serpa[10], Régio pensou publicar uma *plaquette*, para oferta a amigos e familiares, em que juntaria estes poemas dedicados ao Natal[11].

Se os poemas dos anos até 1919 caracterizavam-se pelo uso de pseudónimos, para as publicações distribuídas nos anos imediatamente seguintes Régio passou a utilizar o seu nome verdadeiro, José Maria dos Reis Pereira (ou apenas o apelido). É provavelmente um sinal do abandono de um certo aspecto lúdico que tinha acompanhado as primeiras propostas poéticas e também uma assunção de responsabilidade: a sua personalidade poética não atingira ainda uma definição completa encontrando-se, digamos, numa fase de transição anterior ao aparecimento e à adopção definitiva do nome com que o escritor se tornaria conhecido ao grande público. A grande parte dos poemas publicados nesta fase (dez em doze) apareceram na revista quinzenária de Espinho, *Alma Nova* (*Jornal dos Novos — Literatura*, *Notícias*, *Charadismo* e *Desporto*). Trata-se, com a excepção de «Toada» (disperso n° 72), de uma série de sonetos cujos temas são análogos àqueles já evidenciados nas composições publicadas anteriormente; contudo, nalgum caso os versos são mais originais e, em geral, a linguagem começa a adquirir uma maior riqueza expressiva embora a forma seja ainda, às vezes, um pouco hesitante. Um exemplo desta fase da actividade poética regiana foi considerada por Alberto de Serpa digna de figurar em *Colheita da Tarde*, para que seleccionou o soneto «Castelos no ar», publicado no n° 26 de *Alma Nova* (de 2-5-1920). Os restantes dois poemas assinados Reis Pereira (n.^{os} 77 e 82 da lista) fazem parte do já referido grupo de composições dedicadas ao Natal e foram publicadas no jornal de Vila do Conde, *A República*, cujo director era um tio do poeta, António Maria Pereira Júnior; o segundo poema recebeu duas publicações no espaço de dois dias, aparecendo também em *A Nossa Revista*, mensário fundado por alunos da Faculdade de Letras do Porto.

---

[10] Cfr. «Notas sobre a procedência dos poemas deste livro», in José Régio, *Colheita da Tarde*, Porto, Brasília, 1971; 2ª ed., 1984, p. 166.

[11] Para perceber a importância da atmosfera natalícia, com seus ritos e tradições, nas lembranças que Régio guardava da sua infância, basta ler o que ele escreveu na *Confissão dum Homem Religioso*, cit., pp. 28-29.

O mais antigo testemunho do uso do pseudónimo José Régio encontra-se no número de 25-12-1921 do semanário *A República*, em que esta assinatura aparece no fecho do poema «Toada do Natal», mais tarde incluído nos *16 Poemas dos não publicados em Colheita da Tarde*[12]. Contudo, como vimos, Régio continuaria até ao fim de 1922 a publicar poemas assinados com o seu nome anagráfico. Já em Maio de 1923 o pseudónimo volta a aparecer no fim dum poema escrito por ocasião das festas universitárias de Coimbra, «Na Queima das Fitas de 1922-23 – Aos meus colegas do IV ano de Letras», também reunido por Serpa nos *16 Poemas*. A afirmação definitiva deste nome literário deve ter-se dado exactamente naquele ano, como é confirmado por uma nota escrita no diário a 8 de Dezembro em que o poeta fala de «os meus versos, os versos de José Régio»[13].

Há vinte e seis poemas publicados com esta assinatura em revistas e jornais, e nunca reunidos em livro. Alguns deles relacionam-se com as tradições do bairrismo de Vila do Conde, em que, nas festas populares, existe uma rivalidade entre dois grupos, o Rancho da Praça e o Rancho do Monte. José Régio, sempre muito ligado à sua terra, apoiava este último grupo, diferentemente do irmão Júlio, quem pintou cenários para o Rancho da Praça. Para o «Rancho das Rendilheiras do Monte», o mais antigo (fundado em 1918), José Régio escreveu em 1924 uma dúzia de quadras («O Monte Cantando», disperso n° 81) para serem cantadas durante a festa de S. João daquele ano e que são ainda hoje conhecidas pelos adeptos daquele grupo folclórico, orgulhosos de terem o autor de *Mas Deus é Grande* como cantor das suas virtudes[14]; os versos eram extremamente simples, ao gosto popular, escritos de maneira a poderem se adaptar a uma música pré-existente. Outra quadra (n° 82), que aparece sempre isolada nas publicações que transcrevem estas composições regianas, é considerada o *ex libris* do Rancho do Monte. Além destas, Monteiro dos Santos menciona outra canção tradicional eventualmente escrita por Régio, presente no livrinho das *Canções Regionais e Populares* do Rancho do Monte com a assinatura R.P., prováveis iniciais de Reis Pereira (disperso n° 107).

A outro grupo tradicional da sua cidade, o Rancho Infantil, Régio dedicou em 1955 três quadras — também acompanhadas por uma música — publicadas só recentemente (com fac-símile do manuscrito original) em dois dos folhetos que apresentam os versos escritos para o Rancho do Monte (disperso n° 106). O apego à terra, já patente no poema publicado em *O Democrático* a 9-7-1916 («Junto ao Rio Ave», n° 5) — e cuja expressão mais famosa é o poema «Romance de Vila do Conde», publicado em *Fado* —, é confirmado por outra composição, «Oração à Senhora Sant'Ana» (n° 85), proposto a 1-4-1926 por *A Voz da Mocidade* (*Quinzenário crítico, humorístico e literário*), efémera revista de Vila do Conde, de que saíram seis números entre Fevereiro e Abril daquele ano; o tema do poema é uma invocação à santa, mãe da Virgem, a quem é dedicada uma igreja construída na parte alta da cidade. A união entre poesia e música, ligada à descrição encomiástica duma cidade em que Régio viveu por longo tempo, é presente também na «Canção de Portalegre» (n° 102), composição formada por pares de quadras intervaladas por um estribilho (curiosamente omitido na publicação que apresenta o poema em 1970), escrita em 1952 e cantada no Teatro Portalegrense durante um espectáculo organizado pela F.N.A.T. na noite de 18 de Junho daquele ano[15].

---

[12] Cfr. Alberto de Serpa, «Notas sobre a procedência dos poemas», in José Régio, *16 Poemas dos não incluídos em Colheita da Tarde*, Volume póstumo, Tiragem reservada, Póvoa do Varzim, 1971, p. 51.

[13] Cfr. José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, cit., p. 26.

[14] Cfr. António Monteiro dos Santos, «25° Aniversário da morte de José Régio», in *Páginas Verdes, Roteiro III*, Vila do Conde, Maio 1994, pp. 19-22, e José Rocha, «José Régio, Vila do Conde e o Rancho do Monte», in *Homenagem do Rancho do Monte ao seu genial poeta na passagem dos 25 anos da sua morte*, Vila do Conde, 22-12-1994, pp. 3-6.

[15] Serpa, quem recebera uma transcrição do original manuscrito na posse de Firmino Crespo, colocou a «Canção de Portalegre» — nas notas que testemunham o seu trabalho de preparação da *Colheita da Tarde* — numa lista de «17 dispersos de não envergonhar», embora tenha acabado por a não incluir em nenhum dos dois volumes póstumos. Sobre as circunstâncias da representação da «Canção de Portalegre» no sarau da F.N.A.T., é interessante ler as duas cartas que Firmino Crespo endereçou a Serpa em resposta ao seu pedido sobre material utilizável para o livro de inéditos e dispersos regianos, que se encontram no acervo documental referente a Alberto de Serpa, guardado na Biblioteca Municipal do Porto (cota M.SER 314).

Voltando às quadras, observamos que — mesmo quando um número delas se encontra reunido debaixo dum título, como é o caso de «O Monte Cantando» — apresentam uma certa autonomia semântica, o que é confirmado pelo facto de as estrofes da composição dedicada ao Rancho do Monte (se é que Régio a concebeu como um poema único) aparecerem dispostas em sequências diferentes nos vários testemunhos que as mostram. Outra prova da relativa independência das quadras vem da publicação de «Quatro Quadras» (n° 83) no n° 6-7 da revista do Porto, *Mocidade* (*Quinzenário de estudantes*), de 4-8-1925; de facto, Régio utilizou posteriormente três das quatro quadras, com algumas variantes, para diferentes poemas publicados em livro: a primeira e a terceira aparecem (respectivamente em última e primeira posição) em «Cantigas – Para Minha Mãe – no dia dos seus anos», inédito incluído por Serpa em *Colheita da Tarde*; a quarta figura como primeira estrofe do poema «Portugal de Todo o Mundo», publicado em *Fado*. Tratava-se, portanto, de material que, apresentado como colagem de motivos poéticos em 1925, foi posteriormente desenvolvido pelo autor.

Um grupo de composições que dificilmente Régio poderia reunir em livro é o daqueles que poderíamos chamar "poemas de circunstância", isto é, versos que são resultado de estímulos representados por festividades (além dos poemas dedicados ao Natal, de que já falámos), convites, homenagens, acontecimentos particulares (um deles, contudo, «Na Queima das Fitas de 1922-23», foi publicado por Serpa nos *16 Poemas*). Um primeiro exemplo verifica-se em 1934, quando Régio foi chamado a escrever versos por ocasião do cinquentenário da Escola Industrial Fradesso da Silveira, do Porto; nessas circunstâncias era costume publicar folhetos comemorativos que reuniam contribuições literárias fornecidas por antigos alunos ou por personalidades especialmente convidadas; o poema de José Régio (disperso n° 87) — que assina Reis Pereira, provavelmente porque era o nome com que era conhecido por ter ensinado naquela escola, e acrescenta o pseudónimo entre parênteses —, sem título, é definido nas anotações de Serpa «poesia alegórica à leitura» e incluído entre os «Insignificantes (dispersos)». Uma situação parecida observa-se no caso do poema intitulado (e colocado) «À laia de prefácio» (n° 88), que abre o *Livro de finalistas de Ciências Económicas e Financeiras* da Universidade do Porto, ano académico 1934-35 (mas escrita em Junho de 1934); a finalidade e a ocasionalidade da composição — prefácio em versos oferecido a um grupo de estudantes que convidaram o já conhecido escritor José Régio e oportunidade de reflexão sobre a relação do poeta com os jovens — são ainda mais evidentes do que no caso anterior. O mesmo repete-se em 1961, quando Régio é chamado a colaborar no livrinho intitulado *Há caminhos não andados*, publicação comemorativa dos finalistas do curso teológico 1957/1961 do Seminário Maior de Portalegre; no poema oferecido pelo autor de *Biografia* — já uma autoridade no panorama literário português —, intitulado «O Caminho» (n° 100), releva-se mais nitidamente a atitude do "mestre" que tenta pôr à disposição dos jovens estudantes a sua experiência. Foi ainda um convite, em 1937, a causa da composição de um poema (n° 89) — formado por três quadras e outra vez relacionado com as tradições populares locais — dito na noite de 7 de Agosto durante um festival poético organizado pelos beneméritos Senhor Carlos Rodrigues Miranda e D. Hilda Brandão Miranda, animadores culturais na zona de Beiriz-Calves-Póvoa do Varzim, em benefício dos pescadores poveiros, festival de que resultou a publicação dum folheto intitulado *Aos Poveirinhos do Mar*.

Fruto de inspiração espontânea, mas igualmente ligados a circunstâncias particulares, são dois poemas: o primeiro (n° 101), publicado no *Diário de Notícias* de 15-11-1962, é dedicado a Berta Singerman, intérprete de poesia e professora de declamação quem incluíra nos seus recitais alguns versos de José Régio (como testemunha o recorte de um jornal conservado no espólio do poeta), e que em troca desse favor é celebrada na breve composição como uma musa inspiradora. O segundo poema não foi escrito para ser publicado: trata-se de versos (disperso n° 105) que o autor escreveu no seu diário íntimo a 5-5-1948, como desabafo pessoal perante a incompreensão que tinha caracterizado o acolhimento das obras mais recentes, isto é, os dois primeiros romances do ciclo *A Velha Casa* — *Uma gota de Sangue* (1945) e *As Raízes do Futuro* (1947) — e o drama teatral *Benilde ou a Virgem-Mãe* (1947); no diário, Régio queixa-se daqueles críticos (às vezes

amigos como João Gaspar Simões ou Adolfo Casais Monteiro) que não tentavam compreender e aceitar a originalidade dos seus esforços creativos, procurando aplicar às obras regianas critérios de avaliação derivantes de doutrinas incompletas e preconcebidas; um estado de espírito perturbado que levara Régio, já alguns meses antes, ao propósito de trabalhar só para si, tentando desinteressar-se de todas as críticas[16]: quanto isto lhe fosse difícil é testemunhado exactamente pelo amargo desabafo contido nesses versos.

Também o sonetto que figura ao n° 103 da lista dos dispersos liga-se a uma circunstância especial. Escrito num bar, às escondidas, fruto de um momento de indignação social e política, foi entregue às mãos de um amigo de confiança: o motivo da improvisada composição é contido no título do soneto, «Sátira ao prometido aumento de vencimentos em Janeiro de 1959», medida com que o governo salazarista queria levantar o ânimo da maioria dos portugueses, frustrados pela "inevitável" derrota do General Humberto Delgado nas eleições presidenciais de Junho do ano anterior e pela repressão e a abolição dessa forma de democracia directa que o regime impôs a seguir. Foi neste contexto — como conta Augusto A. Costa Santos, autor do artigo que acompanha a publicação póstuma do soneto — que, durante a tertúlia que reunía no Café Central de Portalegre o poeta e os seus amigos (entre os quais Adelino Santos, pai do autor do artigo), comentando os «ridículos aumentos com que, após 4 anos, o Governo "brindava" os funcionários públicos», Régio pegou num papel e compôs a «Sátira ao prometido aumento de vencimentos em Janeiro de 1959», entregando-a provocatoriamente (sem a assinar) a Adelino Santos, funcionário do Governo Civil, para que a levasse ao Sr. Governador e por ele ao governo. O manuscrito foi guardado por Adelino Santos e só em Maio de 1969, durante uma reunião de antigos alunos do Liceu de Portalegre, o filho dele voltou a mostrar aquele poema a José Régio, pedindo-lhe para que o assinasse, o que o autor fez sem hesitação alguma[17].

Podem ser considerados bastante episódicos os poemas que Régio escrevia por ocasião da festa anual dos universitários de Coimbra, a Queima das Fitas, e que eram reunidos — junto àqueles de outros autores — em livrinhos, as *Pastinhas de Quintanistas*, vendidos nas ruas da cidade em benefício do Asilo da Infância Desvalida. As *Pastinhas* foram organizadas de 1935 a 1965 por Campos de Figueiredo e, depois da morte deste, por Fernando Pinto Ribeiro e Alba de Castro. Muitos dos poetas mais importantes do século prestaram colaboração, sobretudo aqueles que tinham estudado em Coimbra; Régio foi um dos mais assíduos. O único poema não reunido em volume, dentre aqueles que o autor de *Fado* publicou nas *Pastinhas*, é a «Canção Leve» (disperso n° 98), presente no livrinho de 1954, poema caracterizado, como anuncia o título, por um tom singelo e ritmado.

Bem mais grave e profundo é o carácter do poema «Sinfonia da Manhã» (n° 91), publicado a 27-7-1946 na revista *Renovação* de Vila do Conde. Trata-se do único poema, entre os dispersos, de que existe testemunho do trabalho de elaboração manuscrita: no espólio do autor são guardadas duas versões anteriores completas, mais os primeiros versos de uma terceira redacção; a primeira versão aparece muito trabalhada, com grande número de correcções e variantes; na passagem entre a primeira e a segunda redacção nota-se, além de várias alterações pontuais, a deslocação de uma estrofe que contudo, na versão publicada em *Renovação*, se encontra na posição originária. A data de publicação de «Sinfonia da Manhã», o seu tema e o seu estilo, permitem aproximar este poema àqueles reunidos em *Mas Deus é Grande*; de facto, é uma composição que poderia figurar a pleno título num volume de poemas de José Régio.

Provavelmente, o mesmo pode ser dito a propósito de «Poesia» (disperso n° 86), publicado a 23-2-1929 no último número de *Coimbra* (*Fôlha Literária*): os versos exprimem um dos temas fundamentais da poética regiana, o da ironia — como comunicação de uma verdade multifacetada

---

[16] Cfr. José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, cit., pp. 111-114, trechos escritos nos dias 28-2-1948 e seguinte.

[17] Sobre as atitudes políticas de José Régio cfr. Alberto Pedroso, «Em torno de algumas intervenções políticas de José Régio» in *A Cidade. Revista cultural de Portalegre*, Número Especial, Outubro de 1984, pp. 7-10, e António Ventura, «As ideias políticas e a intervenção cívica de José Régio» in Separata da *Revista de História das Ideias*, vol. 16, 1994, pp. 235-282.

que as palavras dificilmente conseguem traduzir — e, sobretudo, do silêncio («o silêncio da música») como fim último da poesia, última fronteira utópica da expressão[18]. Eugénio Lisboa releva que este tema surge particularmente nos poemas seleccionados por Alberto de Serpa para *Colheita da Tarde*[19]: de facto, «Poesia» pode ser lida ao lado de poemas como «Improviso Corrigido», escrito em 1955, ou «O Outro» (sobretudo os vv. 7-10), já publicado em revista em 1921; contudo, Alberto de Serpa relegou o poema de 1929 entre os «Insignificantes (dispersos)». Da mesma maneira, Serpa não utilizou a série de poemas (n.os 92-97) incluídos no número único da revista *O Cavalo de Todas as Cores*, publicado em Barcelona em Janeiro de 1950; dessa revista, Serpa tirou apenas a primeira das sete contribuições regianas, ou seja o poema em prosa (intitulado também «Poesia»), escolhido para abrir o volume de inéditos e dispersos. As seis composições poéticas parecem, de facto, uns esboços que poderiam sofrer posterior desenvolvimento ou então ficarem na forma em que a revista no-los apresenta, ou seja, uma sequência de apontamentos versificados.

A poesia em prosa foi reunida por Serpa na secção de *Colheita da Tarde* intitulada «A Corda Tensa», acolhendo assim parcialmente a indicação dada por Régio na citada «Notícia desta edição»[20]. Contudo, um poema desse género — «Pequena Ode em Prosa» (n° 104), escrito em 1951 — escapou ao organizador do volume póstumo já que se encontrava na posse de um anónimo coleccionador de manuscritos, quem o entregou em 1988 à revista *Colóquio Letras*, onde foi publicado.

Finalmente, registamos entre os poemas cuja atribuição a Régio é duvidosa duas composições que o escritor vilacondense transcreveu num bloco de folhas soltas, podendo tratar-se, contudo, de poemas de outro autor copiados por Régio por alguma razão: de facto, debaixo do primeiro, «Horas de saudade» (n° 108), aparece a indicação «(pag. 173, Vol. II — Edição Zélio Valverde)», referência evidente ao livro de que os versos foram copiados; depois do segundo poema, «Meu Segredo» (n° 109, dedicado a uma anónima «Senhora D. xxx».), figura a anotação análoga, «Vol. II p. 145-148». As investigações efectuadas em Portugal não identificaram nenhuma edição com esse nome: fica em aberto a hipótese de que se trate de alguma antologia publicada no Brasil que contenha os dois poemas, eventualmente escritos por José Régio.

---

[18] Cfr. Eugénio Lisboa, «O silêncio e a ironia na obra de José Régio» in *O Tempo e o Modo*, n° 40, Lisboa, Julho/Agosto 1966, pp. 770-783, e, do mesmo autor, *José Régio, a Obra e o Homem*, Lisboa, Dom Quixote, 1985; 2ª ed., 1986, pp. 137-171.

[19] Cfr. *ibidem*, pp. 156-157.

[20] Na verdade, Régio tinha planeado para a poesia em prosa um volume autónomo com esse título; contudo, o número insuficiente de composições encontradas forçou Serpa a criar uma secção dentro de *Colheita da Tarde*.

Os dispersos de José Régio

Poemas publicados na adolescência

1	Amor	in: *O Democrático*, n° 158, Vila do Conde, 11/6/1916
2	Noivos	in: *O Democrático*, n° 159, Vila do Conde, 18-6-1916
3	O Anjo da Inocencia	in: *O Democrático*, n° 160, Vila do Conde, 25-6-1916
4	Tisica!...	in: *O Democrático*, n° 161, Vila do Conde, 2-7-1916
5	Junto ao Rio Ave	in: *O Democrático*, n° 162, Vila do Conde, 9-7-1916
6	A tua imagem	in: *O Democrático*, n° 163, Vila do Conde, 16-7-1916
7	A Canção duma mãe	in: *O Democrático*, n° 164, Vila do Conde, 23-7-1916
8	Serenata	in: *O Democrático*, n° 165, Vila do Conde, 30-7-1916
9	Canção funerea	in: *O Democrático*, n° 166, Vila do Conde, 6-8-1916
10	Canção da lua	in: *O Democrático*, n° 167, Vila do Conde, 13-8-1916
11	Nossa Senhora?!...	in: *O Democrático*, n° 168, Vila do Conde, 20-8-1916
12	Amar sem ser amado!	in: *O Democrático*, n° 169, Vila do Conde, 27-8-1916
13	Quadros Negros	in: *O Democrático*, n° 170, Vila do Conde, 3-9-1916
14	O Canto dum infeliz	in: *O Democrático*, n° 171, Vila do Conde, 10-9-1916
15	Cantares dispersos	in: *O Democrático*, n° 173, Vila do Conde, 24-9-1916
16	Canto Patriotico	in: *O Democrático*, n° 174, Vila do Conde, 1-10-1916
17	O Rosario que me deste	in: *O Democrático*, n° 176, Vila do Conde, 15-10-1916
18	Ao Mar	in: *O Democrático*, n° 177, Vila do Conde, 22-10-1916
19	A Profecia de Jesus	in: *O Democrático*, nn.178 e 179, Vila do Conde, 29-10 e 5-11-1916
20	Lirios	in: *O Democrático*, n° 179, Vila do Conde, 5-11-1916
21	A Canção dos ceguinhos	in: *O Democrático*, n° 181, Vila do Conde, 19-11-1916
22	Nun'Alvares	in: *O Democrático*, n° 182, Vila do Conde, 26-11-1916
23	A Canção da Saudade	in: *O Democrático*, n° 185, Vila do Conde, 17-12-1916
24	Versos a alguém	in: *O Democrático*, n° 188, Vila do Conde, 7-1-1917
25	A elegia do Mar	in: *O Democrático*, n° 191, Vila do Conde, 28-1-1917
26	Sonho Morto	in: *O Democrático*, n° 194, Vila do Conde, 18-2-1917
27	Aos Soldados que Partem	in: *O Democrático*, n° 196, Vila do Conde, 4-3-1917
28	Sonêto	in: *O Democrático*, n° 198, Vila do Conde, 18-3-1917
29	A Torre	in: *O Democrático*, n° 198, Vila do Conde, 18-3-1917
30	Velhinha	in: *O Democrático*, n° 198, Vila do Conde, 18-3-1917
31	Versos	in: *O Democrático*, n° 200, Vila do Conde, 1-4-1917
32	Á luz do luar	in: *O Democrático*, n° 201, Vila do Conde, 8-4-1917
33	O meu sepulcro	in: *O Democrático*, n° 202, Vila do Conde, 15-4-1917
34	Expansão	in: *O Democrático*, n° 203, Vila do Conde, 22-4-1917
35	Cantigas	in: *O Democrático*, n° 206, Vila do Conde, 13-5-1917
36	Momentos tristes	in: *O Democrático*, n° 208, Vila do Conde, 27-5-1917
37	Mãe e Filho	in: *O Democrático*, n° 209, Vila do Conde, 3-6-1917
38	Na Rua	in: *O Democrático*, n° 211, Vila do Conde, 17-6-1917
39	Lagrimas	in: *O Democrático*, n° 212, Vila do Conde, 24-6-1917
40	Meu velho Portugal! …	in: *O Record Charadístico*, n° 10, Porto, 1-9-1917
41	Olhos verdes	in: *O Democrático*, n° 222, Vila do Conde, 2-9-1917
42	Ela	in: *O Democrático*, n° 225, Vila do Conde, 23-9-1917
43	Chorar, cantar	in: *O Democrático*, n° 226, Vila do Conde, 30-9-1917
44	Cantar é um desafogo: …	in: *O Record Charadístico*, n° 11, Porto, 1-10-1917
45	A que eu adoro	in: *O Democrático*, n° 227, Vila do Conde, 7-10-1917
46	Balada	in: *O Democrático*, n° 229, Vila do Conde, 21-10-1917
47	Sei chorar e sentir …	in: *O Record Charadístico*, n° 12, Porto, 1-11-1917
48	Morta	in: *O Democrático*, n° 232, Vila do Conde, 11-11-1917
49	Aos ateus	in: *O Democrático*, n° 236, Vila do Conde, 9-12-1917
50	Á Noite	in: *O Democrático*, n° 241, Vila do Conde, 13-1-1918
51	Oração a ela	in: *O Democrático*, n° 242, Vila do Conde, 20-1-1918
52	É sob a folhagem moça …	in: *O Record Charadístico*, n° 14, Porto, 1-2-1918

53 Ha quanto tempo já, … in: *O Record Charadístico*, n° 15, Porto, 1-3-1918
54 No deserto da vida, … in: *O Record Charadístico*, n° 16, Porto, 1-4-1918
55 Izabel d'Aragão … in: *O Record Charadístico*, n° 17, Porto, 1-5-1918
56 Ao Convento do Carmo … in: *O Record Charadístico*, n° 18, Porto, 1-6-1918
57 A branquinha, isolada … in: *O Record Charadístico*, n° 19, Porto, 1-7-1918
58 O sangue de Petronio … in: *O Record Charadístico*, n° 20, Porto, 1-8-1918
59 No pobre leito, … in: *O Record Charadístico*, n° 21, Porto, 1-9-1918
60 Era uma vez um rei, … in: *O Record Charadístico*, n° 22, Porto, 1-10-1918
61 Era uma vez um rei, … in: *O Record Charadístico*, n° 23, Porto, 1-11-1918
62 Noite de paz e amor. … in: *O Record Charadístico*, n° 24, Porto, 1-12-1918
63 Fui-me hoje até ao mar … in: *O Record Charadístico*, n° 25, Porto, 1-1-1919
64 No mysterio da noite, … in: *O Record Charadístico*, n° 26, Porto, 1-2-1919
65 Noite muda e sem vento … in: *O Record Charadístico*, n° 32, Porto, 1-8-1919
66 Revoltada, na treva, … in: *O Record Charadístico*, n° 33, Porto, 1-9-1919
67 Morta, Ignez passa, … in: *O Record Charadístico*, n° 35, Porto, 1-11-1919
68 E treme a voz da banza … in: *O Record Charadístico*, n° 36, Porto, 1-12-1919

Poemas publicados na juventude

69 Soneto da Primavera in: *Alma Nova*, n° 1, Espinho, 18-5-1919; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1986, p. 213
70 Esperar!... in: *Alma Nova*, n° 10, Espinho, 21-9-1919; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., p. 214
71 Soneto do Outono in: *Alma Nova*, n° 13, Espinho, 2-11-1919; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 215
72 Toada in: *Alma Nova*, n° 16, Espinho, 14-12-1919
73 Último Recurso in: *Alma Nova*, n° 19, Espinho, 25-1-1920; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 216
74 Morrer Moço in: *Alma Nova*, n° 27, Espinho, 16-5-1920; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 217
75 Oração ao Mar in: *Alma Nova*, n° 33, Espinho, 8-8-1920; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 218
76 Oração á Senhora: in: *Alma Nova*, n° 39, Espinho, 31-10-1920; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 219
77 Baladilha do Natal in: *A República*, n° 497, Vila do Conde, 26-12-1920
78 A Corrente e a Virgem in: *Alma Nova*, n° 51, Espinho, 17-4-1921; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 220
79 Invocação e Proposição in: *Alma Nova*, n° 62, Espinho, 18-9-1921; in: Eugénio Lisboa, *José Régio, a obra e o homem*, 2ª ed., cit., 1986, p. 216
80 De Joelhos Ante o Presépio in: *A Nossa Revista*, n° 6-7, Porto, Dezembro 1921/Janeiro 1922;in: *A República*, n° 592, Vila do Conde, 24-12-1922

José Régio: publicações dispersas

81 O Monte Cantando in: *Rancho do Monte*, Vila do Conde, Festas de S. João de 1924; in: foglio di prova, (post. 1977?); in: *Páginas Verdes*, *Roteiro III*, Vila do Conde, Maio 1994; in: *Homenagem do Rancho do Monte ao seu genial poeta na passagem dos 25 anos da sua morte*, 22-12-1994
82 Quem te ensinou a cantar, in: *Rancho do Monte*, Vila do Conde, Festas de S. João de 1924; in: foglio di prova, (post. 1977?); in: *Trovas do Monte*, Vila do Conde, 1986; in: *Páginas Verdes, Roteiro III*, Vila do Conde, Maio 1994; in: *Homenagem do Rancho do Monte ao seu genial poeta na passagem dos 25 anos da sua morte*, 22-12-1994
83 Quatro Quadras in: *Mocidade*, n° 6-7, Porto, 4-8-1925
84 O Presépio desfeito in: *A República*, n° 732, Vila do Conde, 25-12-1925
85 Oração á Senhora Sant'Ana in: *A Voz da Mocidade*, Anno I, n° 5, Vila do Conde, 1-4-1926
86 Poesia in: *Coimbra, fôlha literária*, Ano I, n° 3, Coimbra, 23 de Fevereiro de 1929

87 Ninguém, por certo, … in: *Recordação do Cinquentenário da fundação da Escola Industrial Fradesso da Silveira*, 1884-1934, Portalegre, 1934
88 À laia de prefácio in: *Livro de finalistas de Ciências Económicas e Financeiras*, Porto, 1934-35
89 Saí cedo a ir pescar, in: *Aos Poveirinhos do Mar*, Beiriz, 7-8-1937; in: *Póvoa do Varzim (Boletim Cultural)*, vol. I, n° 1, 1958; in: *A Voz da Póvoa*, Póvoa do Varzim, 20-2-1992
90 Natal in: *Eva*, Lisboa, Dezembro 1944
91a Levanta-te! na frincha do postigo J.R. 79.54A-57A
91b Levanta-te! Na frincha do postigo J.R. 79.54C-55C
91c Levanta-te! Na frincha do postigo J.R. 79.54B-55B
91d Sinfonia da Manhã in: *Renovação*, n° 295, Vila do Conde, 27-7-1946
92-97 A minha pátria existe onde haja amor
Era um jardim de má fama.
A quem me tratar por tu
Não no meu rosto que mantenho liso,
Rosa que eu traga no seio
Aquela formosura, arrecebida in: *O Cavalo de Todas as Cores*, número único, Barcelona, Janeiro 1950
98 Canção Leve in: *Pastinhas de quintanistas*, Coimbra, 1954
99 Natal in: *Diário de Notícias*, Lisboa, 22-12-1955
100 O Caminho in: *Há caminhos não andados*, Curso teológico 1957/1961, Finalistas, Seminário Maior de Portalegre
101 Berta Singerman in: *Diário de Notícias*, Lisboa, 15-11-1962

Publicações póstumas

102 Canção de Portalegre M.SER 314 (1b); in: *Mais Além*, 2.ª serie, n° 7, Portalegre, 1970
103 Sátira ao prometido … in: Augusto A. Costa Santos, «Breve História de um Soneto de José Régio» in *A Cidade, revista cultural de Portalegre*, Número Especial, Portalegre, Outubro de 1984, p. 43
104 Pequena Ode em Prosa in: *Colóquio. Letras*, n° 102, 1988
105 Basta! … in: José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 115
106 Para o Rancho Infantil in: *Páginas Verdes*, *Roteiro III*, Vila do Conde, Maio 1994; in: *Homenagem do Rancho do Monte ao seu genial poeta na passagem dos 25 anos da sua morte*, 22-12-1994

Poemas sem data e de atribuição incerta

107 Bem-me-queres (canção) in: *Canções Regionais e Populares*, Rancho do Monte (Rendilheiras de Vila do Conde), s.d
108 Horas de saudade J.R. 79.47-48
109 Meu segredo J.R. 79.63-67